
**Mulheres e imagens de ostentação na narcocultura:
uma análise da personagem Bibi Perigosa na telenovela “A Força do Querer”¹**

Carolina Saboia ²

Escola Superior de Propaganda e Marketing – São Paulo

RESUMO:

Buscamos no presente artigo refletir sobre as imagens de ostentação no cenário da narcocultura a partir da telenovela *A força do querer*, produzida e exibida pela Rede Globo em 2017. Neste sentido, analisamos cenas com a presença da personagem Bibi Perigosa (Juliana Paes), uma mulher envolvida com o narcotráfico, inspirada em uma história real e que rendeu picos de audiência para a trama. Para isso, também discutiremos questões de gênero nesse contexto, utilizando Butler (2013) como principal referência. Como embasamento metodológico, optamos pela seleção de cenas e posterior análise do discurso de linha francesa (ADF).

PALAVRAS-CHAVE: Ficção Seriada; Narcocultura; Gênero; Ostentação; Bibi Perigosa.

INTRODUÇÃO

A telenovela está presente no cotidiano dos brasileiros desde os anos 1960 e faz parte da cultura de nosso país. Segundo Motter (2000-2001), as telenovelas se adequam ao cotidiano e tomam forma de memória histórica do Brasil, cumprindo“(...) esse papel documental ao refletir e refratar o momento do qual ela participa enquanto ficção” (MOTTER, 2000-2001, p.76). Esse produto midiático é uma figura central na cultura do país e se tornou-se uma forma de narrativa ficcional sobre a nação (LOPES, 2009).

Portanto, podemos afirmar que as telenovelas são instrumentos de entretenimento televisivo que apresentam os acontecimentos da sociedade, tornando-se um produto de expressão da cultura brasileira.

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM-SP (Bolsista Prosup/Capes), sob orientação da Professora Doutora Maria Aparecida Baccega. Integrante do grupo de pesquisa denominado Comunicação, educação e consumo: as interfaces na teleficção. Participante da rede OBITEL Brasil, na equipe do PPGCOM/ESPM. Graduada em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional pela UnB. E-mail: carolsaboia66@gmail.com

A força do querer, telenovela cuja narrativa tece um diálogo permanente com a cotidianidade, foi veiculada em 2017 e abordou a questão do tráfico de drogas. Apresentando um contexto dentro da realidade carioca, o Morro do Beco³ é exibido pela autora Glória Perez como palco das cenas mais impactantes e mais esperadas pelos telespectadores. Em contrapartida, em meio a picos de audiência, a telenovela chegou a receber acusações de apologia ao crime e “glamurização” do tráfico de drogas⁴, principalmente pela atuação da personagem Bibi Perigosa, interpretada por Juliana Paes.

A personagem Bibi foi baseada em Fabiana Escobar, esposa de Saulo de Sá Silva, “ex-Barão do Pó” da Rocinha⁵, preso em 2008. Fabiana conta sua história no livro autobiográfico “Perigosa” (2017) e afirma que foi casada por mais de dez anos com o traficante Saulo, com quem teve dois filhos. De acordo com a autora, o vínculo com o tráfico de drogas foi motivado pelos seus sentimentos amorosos pelo ex-companheiro, que já estava envolvido com esse tipo de crime (ESCOBAR, 2017). Fabiana não era traficante, mas era cúmplice de Saulo.

A força do querer bateu recordes de audiência na categoria do horário nobre (horário das 21h), e muito se deu por conta do sucesso de Bibi Perigosa, uma das protagonistas. Prova disso reflete-se no último capítulo da telenovela em que a personagem aparece de forma majoritária, qual foi exibido no dia 20 de outubro de 2017, atingindo a pontuação de 50,1 e 53 de pico, e batendo recorde desde 19 outubro de 2012, no desfecho da telenovela *Avenida Brasil*, segundo dados consolidados do Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística)⁶.

³ Nome fictício dado pela autora Glória Perez para o Morro que protagonizou as cenas de tráfico de drogas exibidas na telenovela. As cenas foram gravadas na favela carioca Tavares Bastos, única do Rio de Janeiro que vive a salvo do tráfico de drogas. Disponível em: < <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2017/10/conheca-favela-do-rio-que-foi-palco-para-o-morro-do-beco-da-novela.html>>. Acesso em 19 de maio de 2018.

⁴ CATRACA LIVRE. **A Força do Querer está sendo acusada de apologia ao tráfico**. In: *Catraca livre*, publicado 16/08/2017. Disponível em: < <https://catracalivre.com.br/geral/inusitado/indicacao/forca-do-querer-esta-sendo-acusada-de-apologia-ao-traffic/>>. Acesso em 6 maio de 2018.

⁵ LISTA10. Rocinha é uma das maiores favelas no Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://lista10.org/diversos/as-10-maiores-favelas-do-brasil/>>. Acesso em 2 de maio de 2018.

⁶ PECCOLI, Vitor.. **Final de “A Força do Querer” bate recorde de audiência desde “Avenida Brasil”**. In: *TV FOCO*, publicado em 23 de outubro de 2017. Disponível em: < <http://www.otvfoco.com.br/final-de-a-forca-do-querer-bate-recorde-de-audiencia-desde-avenida-brasil-confira-os-consolidados-da-sexta-feira-201017>>. Acesso em 28 de abril de 2018.

Partindo desta introdução, discutiremos sobre a narcocultura, apresentando melhor a personagem Bibi Perigosa e fazendo uma análise, a partir da Análise de Discurso Francesa (ADF), de algumas cenas de Bibi Perigosa em *A força do querer*. Trazendo a questão de gênero para a discussão, nosso foco está em buscar elementos dentro da narrativa que reforcem uma performatividade (BUTLER, 2013) feminina, baseada na objetificação do corpo da mulher, sendo esta um produto para o consumo e deleite do homem.

NARCOCULTURA E OSTENTAÇÃO

O Observatório Ibero-Americano de Ficção Científica (Obitel),⁷ no anuário de 2013, apresentou estudos sobre representações sociais na teleficção. A pesquisa destaca como é frequente o tema do tráfico de drogas nas telenovelas latino-americanas. Nesse contexto, podemos dizer que o tráfico de drogas ilícitas, conhecido como narcotráfico, é um tema abordado como produto de entretenimento, sobretudo por estar relacionado à violência e às relações de poder entre os indivíduos, o que causa entusiasmo nos telespectadores (BRAGANÇA, 2012).

Omar Ricón (2013) argumenta que os latino-americanos encontram-se interligados pelo narcotráfico. Para ele, este tema é representado em diversas esferas da cultura e, por isso, surge o neologismo “narcocultura”⁸. Segundo Ricón (2013), a narcocultura é uma indústria cultural capitalista que celebra os fenômenos de ordem social ligados ao narcotráfico.

A narcocultura pode ser entendida como resultado de “criadores apaixonados” pelas histórias, estéticas e éticas ligadas ao tráfico de drogas. Assim, a cultura do tráfico de drogas se tornou um fenômeno presente em muitas vertentes culturais, como a literatura, cinema, telenovela, séries, música e mercado. A narcocultura é uma indústria que faz negócios para celebrar o estilo do tráfico e transformar o delicado tema em produtos de

⁷ Obitel é um projeto intercontinental da região ibero-americana. Nele, pesquisadores abordam a respeito de produção, troca e criação midiática, cultural, artística e comercial de conteúdos midiáticos dos países integrantes. Disponível em: <http://especial.globouniversidade.redeglobo.globo.com/livros/Obitel2013_portugues.pdf>. Acesso em: 8 de maio de. 2018.

⁸ Assumiu-se o neologismo “Narcocultura” conforme proposto por Ricón (2013) como forma de compreender as representações midiáticas da cultura do tráfico de drogas ainda que o termo não seja utilizado por muitos pesquisadores latino-americanos.

entretenimento, muito comum em países da América Latina, principalmente na Colômbia (RICÓN, 2013).

Vale ressaltar que a maioria dos estudos sobre a narcocultura é de origem colombiana e mexicana, apesar de, na maioria dos casos, podermos fazer uma aproximação com o caso brasileiro a partir de uma ressignificação do termo (BRAGANÇA, 2015).

Nessa linha de pensamento, a narcocultura brasileira está diretamente associada às favelas, à pobreza, à criminalidade e à falta de recursos básicos. Paradoxalmente, percebemos também o tema associado à ostentação de traficantes com cordões de ouro, armas, dinheiro, bebidas, bailes funk, carros, roupas de grife, carros importados, sempre acompanhados de mulheres com corpos considerados esbeltos – elementos muito representados em filmes, videoclipes, séries e telenovelas.

Ainda no tocante à narcocultura, Bragança (2015) aponta que devemos pensá-la como uma porta de entrada do popular contemporâneo latinoamericano para a modernidade, no qual o narco atua “como uma espécie de passaporte para o mercado onde se inventa um novo popular latinoamericano com feições globalizadas” (BRAGANÇA, 2015, p. 153).

Podemos fazer diálogo desse tema com os estudos de Rezende (2016), nos quais a autora busca compreender um fenômeno complexo e ambivalente, o “funk ostentação”, elemento presente na narcocultura e também explorado em diversas cenas de *A força do querer*. De acordo com Rezende (2016), as produções do funk ostentação se revelam numa proposta estética, social e cultural que possui uma extensão transgressora, ao apropriar-se de signos centrados historicamente na elite branca, atribuindo um universo simbólico por meio do cotidiano da periferia.

O funk ostentação é um gênero musical que celebra as conquistas de bens materiais como roupas de marca, joias, carros importados, bebidas, camarotes em baladas, “além das experiências sexuais, atravessadas, consubstancialmente, por um viés machista”. (REZENDE, 2016, p. 62)

A palavra ostentação tem origem no latim *ostentatio*, “exibição vã, inútil”. É formada pelos radicais *ob* (“à frente”) e *tendere*, (“alongar, esticar”). “Não basta possuir, é necessário estender para que os bens sejam visualizados.” (SCHERRER, 2015, p. 4).

Em sintonia com a discussão, podemos associar a ostentação na narcocultura à sociedade do espetáculo que, para Debord (1997), seria uma reflexão sobre a sociedade arranjada em função da produção e consumo de mídia, imagens, produtos, cultura e eventos. Segundo o autor, o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens (DEBORD, 1997). Essa espetacularização, particularidade da vida moderna, é inerente à narcocultura no contexto brasileiro.

A FORÇA DO QUERER E A PERSONAGEM BIBI PERIGOSA

Bibi, a personagem de Juliana Paes desiste do noivado com o rico advogado Caio Garcia (Rodrigo Lombardi) para se casar com o estudante Rubinho (Emilio Dantas). Bibi era uma mulher sonhadora, dizia amar demais e gostaria de viver uma grande paixão. Ela acreditava que Rubinho era o homem ideal, pois sempre a presenteada, mandava flores e fazia declarações de amor. Em vários momentos da narrativa, o casal passa por dificuldades financeiras, mas com a ajuda de Aurora (Elizangela Vergueiro), mãe de Bibi, eles conseguem criar o filho, Dedé (João Bravo).

Rubinho entra para o tráfico de drogas e, rapidamente, passa a ser um dos chefes da facção criminosa da comunidade do Morro do Beco. Bibi mostra-se fiel ao marido e entra no mundo do narcotráfico. Ao decorrer da narrativa, ela acoberta os crimes de Rubinho e, aos poucos, torna-se uma integrante do trágico de drogas do Morro de Beco. Além disso, faz amizades, briga com diversas mulheres devido ao ciúme (por isso é apelidada como Bibi Perigosa), frequenta bailes funk, muda sua forma de vestir e de agir, adere a diversos bens de consumo, tais como joias, roupas justas e utiliza de muitos adereços brilhosos.

No desenrolar da história, Rubinho começa a se relacionar com Carine (Carla Diaz), que passa a ser sua amante. Bibi, desconfiada, agride verbalmente e fisicamente Carine diversas vezes. Quando essas tensões ocorrem, Bibi sempre a ameaça, afirmando que irá deixá-la careca, pois irá “arrancar todo seu cabelo”. Carine não demonstra ter medo de Bibi e, por vezes, a provoca.

Rubinho paga seguranças privados para proteger Carine das agressões de Bibi, seguindo o conselho do parceiro Sabiá (Jonathan Azevedo), também chefe da facção. Ele presenteia a

amante com diversos adereços de luxo, além de pagar a tão desejada prótese de silicone que Carine pediu⁹.

Bibi resolve terminar o casamento com Rubinho, quando flagra Carine saindo do hotel onde Rubinho encontrava a amante em uma pequena cidade no Nordeste, local em que a família estava foragida por um período. Esse acontecimento ocorreu nos últimos capítulos da trama.

Acreditamos relevante assinalar que durante a narrativa, a personagem justifica todas suas ações em prol da relação amorosa com Rubinho, mesmo sabendo que, para isso, ela necessite cometer crimes.

ANÁLISE

Em nosso artigo, a Análise de Discurso de Linha Francesa (ADF) foi utilizada tanto para examinar as falas dos personagens quanto algumas imagens. Assim, analisaremos o discurso verbal e o não-verbal.

A Análise do Discurso Francesa entende que o sujeito é construído socialmente, por meio das práticas sociais nas quais ele está inserido. Para Orlandi (2009), o processo de ADF envolve interpretação e descrição do objeto de estudo, ainda que a própria descrição abarque também a nossa interpretação na posição de analistas. Para a autora, o discurso é repleto de sentidos, os quais são materializados por meio da língua.

A primeira análise se desenvolve em cenas apresentadas na telenovela *A força do querer* nas quais Bibi está no baile funk na favela Morro do Beco. (Figuras 1 e 2).

⁹ Acreditamos que essa passagem de Carine faz referência à telenovela colombiana *Sin Tetas no Hay Paraíso* (2006), de Gustavo Bolívar. A novela foi baseada em uma história real, em que a personagem Catalina Santana tinha fixação por colocar prótese de silicone nos seios para, assim, tornar-se desejável pelos traficantes e entrar no “paraíso” de luxos do mundo do narcotráfico.



Figura 1: Bibi curte o Baile Funk

(Fonte: GloboPlay)



Figura 2: Bibi amassa dinheiro

(Fonte: GloboPlay)

Podemos observar nas figuras 1 e 2 formas de se ostentar dentro dos signos da narcocultura: joias, armas e muito dinheiro. Na figura 1, Bibi está com roupa dourada, que remete ao ouro, em meio a diversas armas. Já na figura 2, Bibi amassa a cédula de 100 reais, enquanto diversas outras notas caem ao chão.

Bibi Perigosa ostenta, efetivamente, o que o marido, Rubinho, adquiriu após entrar no mundo do tráfico de drogas. Assim, ao utilizar de diversos apetrechos de alto valor monetário, ela também vangloria o estilo da narcocultura.

Endossando essa discussão, podemos afirmar que essas características exibicionistas são uma maneira de demonstrar “abundância de quem reclama nunca haver tido nada, expressa numa estética popular que passa por objetos de consumo, armas, carros, moda, arquitetura. É a releitura popular da boa vida” (BRAGANÇA, 2015, p. 160).

Bibi e Rubinho passam por diversas dificuldades financeiras, por isso justificam a entrada para o crime como uma “forma válida de sair da pobreza; história de como, independente da classe, região ou religião, a única coisa válida é ter dinheiro e aproveitar” (RICÓN, 2013, p 210).

Para atender às necessidades e questionamentos desta pesquisa, acreditamos necessário trazer, nas próximas análises, algumas reflexões e discussões acerca das relações assimétricas de gênero no contexto da narcocultura. Conforme apresentaremos no diálogo 1 e nas figuras 3 e 4, Bibi expulsa Carine, amante de Rubinho, do camarote do baile funk:

Diálogo 1 – Bibi Expulsa Carine do camarote (Episódio 140)
Bibi: “Quer uma touquinha? Pra colocar na cabeça aí careca, que vai ficar ridícula depois que eu arrancar esse cabelo todo. Hã? Sai daqui!” [Carine mostra a pulseirinha do camarote]
Bibi: “Dane-se que você tem essa pulseirinha. Vai sair de qualquer jeito, porque eu tô mandando!”(sic)

(Fonte: GloboPlay)



Figura 3: Carine mostra pulseirinha de camarote (Fonte: GloboPlay)



Figura 4: Bibi ameaça Carine (Fonte: GloboPlay)

Quando Bibi ameaça “arrancar o cabelo” de Carine, podemos entender que ficar careca seria “retirar” uma característica essencial do que é considerado bonito para uma mulher. Butler (2013) aponta que o gênero é um ato intencional, um gesto performativo que produz significado. Assim, o cabelo da mulher, normalmente comprido, produz um significado performativo do gênero feminino.

Endossando essa discussão, ainda trazendo as palavras da autora Butler (2013, p. 52), na simbologia da linguagem, o feminino é a significação da falta, um “atributo” de um gênero. Nesse sentido, a mulher deve estar bela para o homem, para ser valorizada na sua função de objeto.

Butler (2013) sugere uma teoria performativa de atos de gênero com intenção de refletir sobre as categorias de corpo, sexo, gênero e sexualidade, conjecturando sobre significação da estrutura binária de macho e fêmea. Podemos inferir, assim, que, dentro dessa estrutura binária, se Carine ficasse sem cabelo, não seria valorizada/admirada pelos homens. Portanto, ela não seria mais atraente para Rubinho, pois não estaria de acordo com os pressupostos dos padrões performativos de gênero para ser considerada bonita nesse contexto social.

Em trabalhos prévios, Saboia (2017) ressalta como as mulheres na narcocultura são objetificadas sexualmente, sendo uma manifestação do patriarcado histórico, que ainda permanece muito presente do contexto da cultura do tráfico de drogas.

Aprofundando essa discussão, Navarro (2013) diz que o papel da mulher contexto da narcocultura com os estudos de Bourdieu (2012), afirmando que a mulher é representada não como um sujeito, mas sim como um capital simbólico, econômico e social, dentro dessa estrutura social. Nesse sentido, a mulher é vista, aos olhares dos narcotraficantes, como moeda de troca projetada socialmente e individualmente, numa função de reprodução, circulação e consumo. (NAVARRO, 2013, apud SABOIA, 2017, p. 41).

Conforme mostramos a seguir (diálogo 2 e figura 5), Sabiá dá conselhos para o amigo, após ver Bibi expulsando Carine da festa. Sabiá diz a Rubinho que ele não deve chamar a amante Carine para o mesmo camarote de Bibi, clarificando, assim, o poder que Rubinho tem sobre a situação e, ainda, que o relacionamento extraconjugal de Rubinho é visto como algo “normal”.

Diálogo 2 - Conversa de Rubinho e Sabiá (Episódio 140)

Sabiá: “Pô, faz um camarote só pras amantes, parceiro. Tá botando amante e fiel junto no “mermo” camarote? Tá querendo “formatecer” a Guerra Mundial e não me avisou? Ainda mais com a mulher que “tu” tem? Pô...” (sic)

(Fonte: GloboPlay)



Figura 5: Sabiá e Rubinho no baile funk

(Fonte: GloboPlay)

Podemos perceber, a partir da fala de Sabiá, as complexas relações de poder que estão inseridas em cena. Foucault (1999) afirma que o poder seria uma rede de relações, em que todos os sujeitos estão envolvidos como geradores ou receptores, dando movimento a essas relações. Para ele, as relações de poder não se baseiam unicamente de uma “força” de uma macroestrutura para uma microestrutura. Os elos se estabelecem em microrelações de poder, que estão presentes em toda a sociedade e variam conforme o contexto social e momento histórico.

Entendemos que Rubinho teria o “poder supremo”, por ser o homem provedor, chefe da facção criminosa e galanteador. Por outro lado, Sabiá também reconhece as relações de micropoder entre as mulheres. Ou seja, Sabiá entende que Bibi, na posição de esposa de Rubinho, pode causar problemas à Carine. Entretanto, ele enfatiza que Rubinho é quem dá as ordens. Ou seja, ele tem o poder de decisão, apenas precisa “administrar a situação” para que a amante e a esposa não se encontrem.

Butler (2013, p.10) destaca que o falocentrismo é entendido como regime de poder. Evidentemente, fatores como classe social e cultura agravam, em maior ou menor grau, a complexidade da relação de poder do homem em detrimento do poder da mulher. Assim, entendemos que apesar de Bibi parecer uma mulher confiante, com posição influente naquele cenário, ela, entretanto, incorpora a submissão da mulher perante o homem, de maneira que ela mesma acredita que as mulheres conseguem atingir seus objetivos por serem bonitas e atraentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise realizada, podemos perceber as imagens de ostentação e a desigualdade entre gêneros articuladas como formas de representação da narcocultura. O poder e a força da personagem Bibi estão sujeitados à manutenção de uma estrutura social que garante ao homem a primazia e o domínio na relação. Ainda pela análise realizada, verificamos a performatividade feminina associada à objetificação da mulher. Na narcocultura, os objetos e o consumo atuam como elementos para reforçar essa objetificação feminina.

Retomando também a noção de micropoder, encontramos a utilização desse exercício nas narrativas analisadas. Bibi utiliza disso junto da amante do marido, mas,

novamente, como um elemento que só considera e reforça a objetificação da mulher (Bibi Perigosa ameaça arrancar o cabelo de Carine, numa clara intenção de deixá-la menos atraente aos olhos de Rubinho, o “chefe do tráfico” e detentor do poder máximo na comunidade).

Entendemos que estudar as expressões sociais e de gênero na telenovela significa olhar apenas um elemento da vida social, e não uma representação total sobre um fenômeno. A telenovela *A força do querer* é uma obra ficcional, sendo assim, a narrativa, mesmo sendo baseada em uma história verídica, é evidentemente reconstruída.

Nesse sentido, considerando as complexidades do tráfico de drogas como produto de entretenimento, deixamos uma contribuição para esse contínuo debate que se faz necessário em torno das discussões referentes ao tema da narcocultura brasileira e, mais especificamente, como as mulheres são retratadas nesse sentido. Desse modo, acreditamos que esse tema deve ser levado a debate para ampliar as reflexões.

REFERÊNCIAS

BIALOWAS, A. **Deleitar denunciando: La Narco Telenovela de Gustavo Bolívar “Sin tetas no hay paraíso”** Marca el Pulso de la Sociedad Colombiana. In: Pendiente de Migracion, 2010. Disponível em:

<<http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero46/deleitar.html>> Acesso em 08 de junho de 2018.

BOURDIEU, P. **A dominação Masculina**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, J., **Problemas de Gênero**. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2013.

BRAGANÇA, M. **A narcocultura na mídia**: notas sobre um narcoimaginário latino-americano. Significação: revista de cultura audiovisual, São Paulo, v. 39, n. 37, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/signif-icacao/article/view/71261>>. Acesso em 13 jul.2017.

-
- _____. **Imagens de ostentação nas narconarrativas: consumo** e cultura popular. RuMRes.. Número 17. Volulme 9, 2015 (p.147-163). Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/90028>>. Acesso em 18 abr. 017.
- _____. **Assassinatos por encomenda: a sicaresca no cinema colombiano.** Significação – Revista de Cultura Audiovisual.. Número 34. Volulme 42, 2015 (p.176-192). Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/99889>>. Acesso em 02 out. 2017
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo.** Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ESCOBAR, F. **Perigosa.** 1 ed. São Paulo: Editora Novo Século, 2017.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Loyola, 2013.
- _____. **Microfísica do Poder.** 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- LAUROSSI, S. **Dicotomia grotesca de la mujer en la narconovela colombiana ¿virgen o puta?** In: XVIII Congreso Colombianistas: “La mujer en Colombia, Estados Unidos: 2013.
- LOPES, M. I. V. de. **Telenovela como recurso comunicativo.** *MATRIZES*, São Paulo, ano 3, n.1, p. 21-47, ago./dez. 2009.
- LOPES, M; OROZCO GÓMEZ, Guillermo (orgs.). **Anuário Obitel 2015 — Relações de gênero na Ficção Televisiva.** Porto Alegre: Sulina, 2015.
- MOTTER, M. L. **A telenovela: documento.** *Revista USP*, São Paulo, n. 48, p. 74-87, dez./fev. 2000-2001.
- NAVARRO, M. **El cuerpo de la mujer vinculada al narcotráfico como narración de sus relaciones siociales.** 2013. Disponível em: <<https://rei.iteso.mx/bitstream/handle/11117/2596/Itzelin%20Mata%20Navarro.pdf?sequence=3>> . Acesso em: 15 de maio de 2018.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas: Pontes, 2009.
- PATEMAN, C. **O Contrato Sexual.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- REZENDE, A. **Entre o olhar da pobreza e o som da ostentação: o consumo das narrativas midiáticas do funk ostentação por crianças em contexto de vulnerabilidade social.** Dissertação. 174f. Escola Superior de Propaganda e Marketing, 2016.

REZENDE, A. **“Quando o Funk Ostentação performa (re)existência: reflexões polissêmicas sobre contextos fronteiriços e experiências bastardizadas”**. *Anais do 6º encontro de GTs da Pós-graduação do COMUNICON 2016*. São Paulo: ESPM, 2016.

RINCÓN, O. **Narcoestética y narcocultura en Narcolombia**. Nueva sociedade, Colômbia. 2009. Disponível em: <<http://nuso.org/articulo/narcoestetica-y-narcocultura-en-narcolombia/>> Acesso em: 3 mai. 2018.

_____. **Todos temos um pouco de tráfico dentro de nós: um ensaio sobre o narcotráfico/cultura/novela como modo de entrada na modernidade**. *Revista Matrizes*. Ano 7, São Paulo, 2013, p.193- 219.

SABOIA, C. **Objetificação Sexual das mulheres: Uma análise da série Narcos**; Monografia. 83f. Universidade de Brasília. Brasília, Distrito Federal, 2017.

SCHERRER, R. **Funk ostentação: consumo e identidade dos jovens da periferia**. *Anais do 5º encontro de GTs da Pós- graduação do COMUNICON 2015*. São Paulo: ESPM, 2015.